

EDITORIAL

Este número 100 de *Estudos Bíblicos* procura celebrar caminhos já trilhados. Realmente é uma festa poder comemorar tantos anos de atividade, de criatividade, de encontros e alguns desencontros. Deus seja bendito porque em sua graça maravilhosa faz caber estes nossos experimentos de leitura bíblica.

Há diferenças. E como não as haveria. Alguns artigos dentre estes tantos já publicados dão maior destaque à pastoral bíblica, outros se esmeram em explicitar os textos e sua interpretação. Mas, penso que o anseio e o desejo de fazer jus aos caminhos das igrejas no Brasil prevalecem. A realidade da gente brasileira se vai impondo nestes *Estudos Bíblicos* e assim quisemos que acontecesse desde os começos. Justamente por isso esta revista é benquista. Pessoalmente me alegro por cada novo número que é lançado.

Um dos segredos que nos caracteriza é a ampla participação de biblistas, exegetas, historiadores, teólogas e teólogos, de leigas e leigos. Estamos em um amplo mutirão na criação, na escrita e na difusão da revista. Esta certamente foi, na própria constituição desta nossa revista, uma das decisões mais sábias: a de fazê-la nascer em regiões diferentes. Cada grupo regional, encarregado de um número, se reúne autonomamente e vai à tarefa. Escolhe seu tema, convida de sua região as e os biblistas e em um maravilhoso esforço coletivo efetiva, mais ou menos de ano em ano, os conteúdos de um número. E assim vamos partilhando: cada região trazendo à partilha seu assunto, seu tema, seus autores e suas autoras. Há quem está na caminhada desde o começo, outros se foram juntando, no caminho; outras tantas pessoas vão e voltam, em sua qualidade de autoria. *Estudos Bíblicos* é uma revista aberta a contribuições. É isso que oxigena nossa publicação. É o que lhe dá diversidade, mas também indica que, em nossas terras brasileiras e nas igrejas, o desejo por uma igreja em meio às necessidades e às aspirações do povo continua a ser uma das principais ênfases das comunidades. Portanto, este aspecto de mutirão desde o começo marca os *Estudos Bíblicos* e continua a marcá-los. Desde o começo vem sendo uma grande invenção.

Também me cabe ressaltar que *Estudos Bíblicos* tem raiz na comunidade. Este certamente é um aspecto que deveríamos tornar ainda mais marcante. Muitos são os artigos que retratam experiências populares e comunitárias. E este traço inclusive poderia ser ainda mais realçado. Poderia ser uma meta a reconstituir, dia a dia, para que nossa revista possa continuar a estar nas comunidades populares deste nosso país. Afinal, lemos e estudamos a Bíblia para que este alimento maravilhoso reforce a vida de fé, de canto e de oração de quem se reúne, por exemplo, para fazer crescer entre nós a humanidade. Nossa revista sempre quis esta inserção em meio ao povo.

Pode-se dizer que *Estudos Bíblicos* é uma revista de pastoral, para animar pessoas às tarefas bíblicas em meio ao povo. Certamente, esta é nossa intenção. Mas, para poder

seguir por este caminho faz-se necessário ‘des-cobrir’ os textos em dimensões novas. Este duplo interesse é que torna este experimento bíblico tão inovador e surpreendente. Se só quiséssemos o aspecto da pastoral bíblica, talvez viríamos a nos tornar, digamos, uma revista de exercícios bíblico-comunitários. Em uma tal revista pressupõem-se, por tendência, que se conhece os conteúdos da Bíblia e que bastaria aplicá-los praticamente num grupo comunitário. Ora, justamente não é esta a visão que adotamos entre nós biblistas, no Brasil e na América Latina. Aqui, a Bíblia realmente é ‘des-coberta’, é renovada, é re-inventada, em meio à leitura popular. Esta, a leitura popular, não é a aplicação popular da Bíblia, mas é o sentido que ela tem para o povo em suas necessidades concretas. A pastoral popular da Bíblia é fonte de exegese, e não só campo de sua aplicação! Penso que *Estudos Bíblicos* reflete esta ambivalência de modo extraordinário.

O presente vol. 100 não se pôs como meta a elaboração de ensaios típicos para *Estudos Bíblicos*. Houve um só acordo: escrever em memória ao 100º número. Mas a temática e o enfoque ficaram por conta de cada autora e de cada autor. A diferença foi, pois, desejada. Não queríamos fazer uma espécie de re-edição do vol. 1 da revista. E, de fato, há diferenças de proposta neste vol. 100. Isso foi intencionado e desejado. Mas, surpreendentemente, a semelhança é muito grande, é marcante demais. Fiquei até surpreso. Às vezes se ouve falar de que a leitura bíblica se estaria diversificando muito. E isso até pode ser o caso. Mas, para minha própria surpresa, a coincidência no interesse popular continua sendo o mais sintomático. É o que se dá também neste nosso número. Por isso, inclusive tomei a liberdade de colocar nos começos do número um ensaio de Júlio Zabatiero, escrito em tons poéticos. Entendo que Júlio alcançou dizer em poucas palavras aquilo que perfaz grande parte de nossas intuições bíblicas, exegéticas e populares. Depois seguem os demais ensaios, no começo os mais interpretativos da presente hora bíblica, onde, pois, predominam acentos hermenêuticos. Estes vêm seguidos por ensaios com maior destaque ao Primeiro, e depois os com mais foco no Segundo Testamento.

O n. 100 sai com certo atraso. Peço desculpas. Mas ele certamente comemora!

Milton Schwantes
Fevereiro de 2009